

BREVE DEPOIMENTO SOBRE A REVISTA *ORPHEU*

[http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v13i24p269-273*](http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v13i24p269-273)

Por Cleonice Berardinelli¹

Em razão do centenário da revista *Orpheu*, a Professora Doutora Gilda da Conceição Santos gravou um depoimento da Professora Doutora Cleonice da Motta Berardinelli, pioneira dos estudos pessoanos no Brasil e sem a qual nosso congresso comemorativo “100Orpheu” não estaria completo. Agora trazemos uma versão transcrita e editada de sua fala para a seção de entrevistas da edição sobre “Modernismos” da revista *Desassossego*.

PARTE I

É muito importante na história da Literatura Portuguesa, principalmente da Literatura Portuguesa Moderna, a presença de uma revista que foi criada pela geração de Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro. Sempre me perguntei: por que *Orpheu*? *Orpheu* é aquele que ama Eurídice e Eurídice é aquela que é arrancada aos olhos de *Orpheu* e levada para longe, onde ele não a pode alcançar. Há uma bela ópera chamada *Orfeo ed Euridice*, de Gluck, e me lembro que em uma das mais belas *Arias* dizia:

* Publicada originalmente na revista *Desassossego*, v. 7, n. 14, dez/2015:

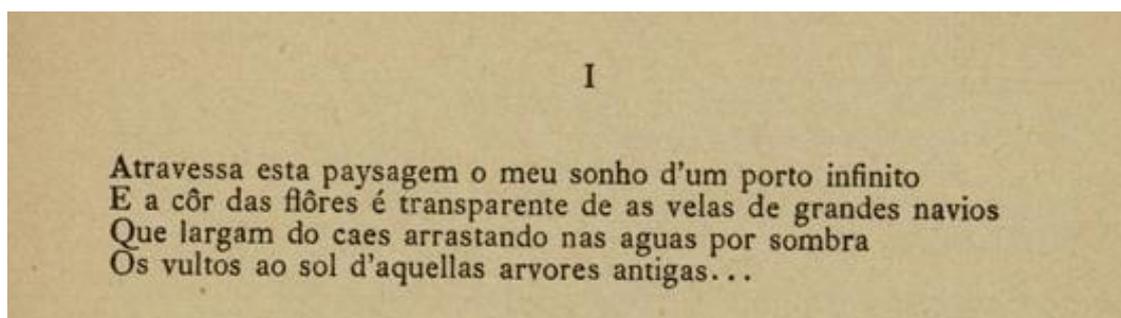
<https://www.revistas.usp.br/desassossego/issue/view/8410>

DOI original: <https://doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v7i14p150-153>

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, Brasil.

Uma poesia tão importante que até acho que os estudiosos de psiquiatria deviam ler e utilizar-se dele.

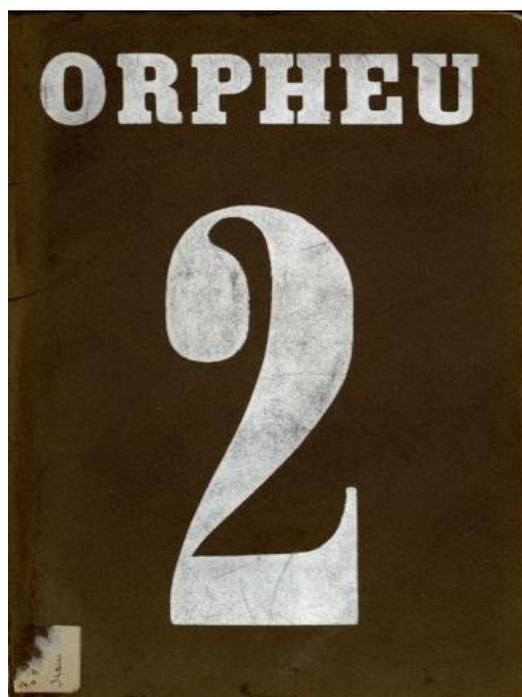
Aparecem também os “Poemas sem suporte”, de Mário de Sá Carneiro. Esse não era nada louco, mas alguém que andava resvalando na beiradinha da loucura. “Poemas”, de Eduardo Guimaraens, também. A novela vertígica, de Raul Leal, na mesma linha desta loucura que vai invadindo os poetas desse tempo. Violante de Cysneiros, uma personalidade que não existe, foi criada por eles para incluir o poema de uma mulher. “Ode Marítima”, por Álvaro de Campos. “Narciso”, poema de Luís de Montalvor. “Chuva Oblíqua”: poemas interseccionistas de Fernando Pessoa. O mais importante para mim do segundo número, porque é um verdadeiro movimento criado por Fernando Pessoa, escandalosamente moderno, com estes poemas que trazem uma intersecção de planos que são dois e que começam assim:



Eu, quando li isso pela primeira vez, fiquei assaltada de dúvidas linguísticas que me perturbaram muito. Depois fui eu mesma procurando traduzir isto para mim e entendi. “A cor das flores tem a transparência das velas de grandes navios” Isso seria prosaicamente certo e inteligível, mas não é isso que ele quer, e sim, criar uma confusão na mente do leitor.

PARTE II

Acho que foi um marco por ser “a” revista do movimento. Uma revista que saiu com esse impacto. A capa do primeiro número é impactante e, depois, a capa do segundo já abrandando o impacto inicial, mas, de certo modo, pondo aquele “2”, como quem diz: “Isto é o sinal que pretendemos continuar o nosso caminho por aqui com estes poemas deste gênero!”. Acho eu, suposições.



Orpheu 3 é apenas uma pálida lembrança de que houve Orpheu 1 e 2. É importante porque entra em uma trilogia, na qual aparece como terceiro volume. No entanto, acho que não tem significado mais nítido, mais claro de uma individualidade. Já tinha passado o tempo de Orpheu. O grande tempo fora o dos números anteriores. O terceiro poderia ou não ter existido.

Para terminar, leio o poema Apoteose de Mário de Sá Carneiro, da Orpheu 1.

